

Reseña bibliográfica

Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad.
N°49. Año 17. Diciembre 2025-Marzo 2026. Argentina. ISSN 1852-8759. pp. 105-108.

Bell Hooks e suas contribuições sobre a importância do amor para a libertação de homens e mulheres em uma cultura patriarcal

Reseña del libro: Hooks, Bell (2024). *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor*. Elefante.

Silvana Bitencourt

Universidade Federal de Mato Grosso.

ORDIC: <https://orcid.org/0000-0002-3183-373X>

silvana_bitencourt@yahoo.com.br

A obra de Bell Hooks *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor* é o terceiro livro de sua trilogia sobre o amor,¹ traduzida para o português em 2024 por Julia Dantas. A obra é composta de dois prefácios elucidativos, um escrito pela brasileira Lívia Natália e o outro pela própria autora. Além disso, este escrito reflete sobre as experiências da autora em busca do amor e faz um tributo à necessidade de se construir uma sociedade e um feminismo que declare a importância do amor na vida das mulheres, uma vez que, na visão da autora, o amor é fundamental para a saúde física, mental e espiritual das mulheres, sendo, portanto, parte de suas experiências de vida a fim de recomendar a urgência de práticas amorosas que conectem as pessoas, preservando a liberdade.

O livro possui 16 capítulos arrebatadores que convidam os leitores e leitoras a refletirem de onde vem a dificuldade contemporânea de falar sobre o amor para que se possa admitir a importância dele para viver sem vergonha e preconceitos. O capítulo 1, “Envelhecer para amar, amando envelhecer”, destaca as contribuições do feminismo, que trouxe novos padrões de beleza para repensar o corpo feminino, recusando sua objetificação e a estética branca e magra. Além disso, a estudiosa analisa as dificuldades de as mulheres lidarem com o envelhecimento, especialmente quando estão na meia-idade, trazendo

a recomendação de que as mulheres nesta fase da vida não devem ter medo de ficarem sozinhas ou serem abandonadas, pois a busca do amor começa com o amor-próprio, muitas vezes, rompendo relacionamentos abusivos e sem amor.

No capítulo 2, “O lugar adequado do amor”, Hooks recorda que alternava leituras de grandes clássicos da literatura de amor e “romances baratos” (Hooks, 2024a, p. 57), nos quais os homens chegavam para redimir e resgatar suas parceiras, sendo o casamento a salvação para estas mulheres. A autora aponta que o feminismo a impulsionou para a busca da realização profissional, ou seja, ser uma grande escritora, mas ele não mudou sua vontade de encontrar o amor em uma perspectiva não patriarcal. No capítulo 3, “Procurar amor, encontrar liberdade”, Hooks afirma que a sua busca por amor a levou a ser feminista. Contudo, participando de grupos de mulheres, ela percebeu que o feminismo não apenas incitava as mulheres a analisar as noções de amor, mas as desencorajava a buscar o amor, devido à dicotomia patriarcal que imperava nas relações amorosas. Nesse sentido, verifica que as mulheres, além de terem que construir o amor-próprio, também precisavam criar uma cultura não patriarcal para serem amadas.

No capítulo seguinte, “Encontrar o equilíbrio: trabalho e amor”, Hooks destaca que o movimento feminista foi benéfico para os homens no aspecto de não serem mais os únicos provedores familiares. No entanto, narra que começou a perder força à medida que as mulheres começaram a reconhecer

1 As duas outras obras de Bell Hooks que compõem esta trilogia sobre o amor são: *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas, traduzida em 2020 por Stephanie Borges (Hooks, 2020a), e *Salvação*: pessoas negras e o amor, traduzida em 2024 por Vinicius da Silva (Hooks, 2024b).

que somente as bem remuneradas podiam pagar pelo trabalho de cuidado. Na concepção da autora, para o homem, foi mais fácil aceitar as mulheres no mercado de trabalho e até ajudar com o cuidado dos filhos do que contribuir emocionalmente na relação. No capítulo 5, “Ganhar poder, perder amor”, a autora salienta que o feminismo não buscou que mulheres tivessem apenas recursos materiais, emprego e poder, mas visou uma transformação cultural completa, exigindo que as noções de masculinidade fossem alteradas e reconstruídas, pois a grande maioria dos homens, moldada pelo patriarcado, não apoiava as mulheres, pois apoiá-las poderia extinguir os seus privilégios. Para a autora, nesse caso, a conversão masculina ao pensamento e à prática feminista era necessária para a transformação dos valores e dos comportamentos dos homens nas relações a fim de eles também se comprometerem a realizar o trabalho emocional nas relações.

No capítulo 6, “Mulheres que não conseguem amar”, a estudiosa aponta que a emergência do capitalismo no século XIX contribui para a divisão entre esfera pública e privada, surgindo a família perfeita, que levou à idealização da maternidade. Desse modo, na família ideal, os homens, em vez de encontrarem o prazer na dependência emocional com as mulheres, começaram a desvalorizar as emoções, como o amor. Além disso, a insistência de que existe um mundo de diferenças sexuais natural e biologicamente fundamentadas está no centro do pensamento patriarcal, assim, é preciso derrubar este pensamento que mulheres têm a característica inata de cuidar, pois homens também podem aprender a cuidar. No capítulo 7, “Escolher e aprender a amar”, se baseando em sua experiência, Hooks diz que as mulheres também não estão preparadas para o amor, pois pouco desenvolviam o autocuidado e precisavam cuidar da casa, ser esposa e mãe. Logo, as mulheres que cuidam tendem a esquecer de si. Conforme a estudiosa, é o pensamento patriarcal que socializa os homens para acreditarem que a masculinidade é afirmada quando eles retraem emoções, e isso tende a impor que as mulheres resolvam os problemas de ordem emocional para a relação dar certo, sendo assim, elas precisam se esforçar mais.

No capítulo 8, “Crescer num corpo de mulher e amá-lo”, a autora diz que os sentimentos negativos das mulheres sobre o próprio corpo é uma fala da cultura obcecada pela magreza, tornando difícil a construção do amor-próprio, que começa com a autoaceitação. Além disso, explana como as mulheres lutam a vida inteira contra seus corpos, fazendo dietas, passando

fome, cirurgias estéticas que prejudicam a saúde, entretanto, não se pode culpar os homens pelo ódio ao corpo feminino. Dessa maneira, é proposto que as mulheres devam mudar a percepção sobre o corpo e estar sob controle desta a fim de construírem um relacionamento mais amoroso, unindo mente, corpo e espírito.

No capítulo 9, “Irmandade: amor e solidariedade”, Hooks ressalta as mulheres não têm valor aos olhos do patriarcado, e só podem obter valor e reconhecimento competindo umas com as outras. Conforme a autora, isso pode ser uma das razões pelas quais muitas mulheres começam a ter amor-próprio somente na meia-idade, pois, nesta fase, se sentem mais livres para fazer o que de fato agrada. O amor-próprio é sempre arriscado para as mulheres no patriarcado, uma vez que elas são mais recompensadas quando se sentem inseguras. Para a autora, por fim, uma mulher que não aprende primeiro a se aceitar vai sempre operar a partir de um espaço de falta.

No capítulo 10, “Nosso direito de amar”, Hooks fala que as mulheres não têm como viver apenas de amor-próprio, mas nenhuma mulher consegue dar amor sem ter amor-próprio. Mulheres com sucesso são vistas como culpadas pelo fracasso do relacionamento, como se o problema fosse o desejo de sucesso, e não o sexismo dos homens. A culpa pelo fracasso nos relacionamentos acaba com a confiança que as mulheres deveriam sentir com os avanços na carreira.

As mulheres de sucesso são vistas como “deusas megeras” (Hooks, 2024a, p. 182) que minaram o poder masculino de seus parceiros, no entanto, pensadoras feministas denunciaram esta construção do estereótipo de mulher poderosa, chamando a atenção para este contra-ataque, que visava desencorajá-las por se esforçarem para alcançar o sucesso.

No capítulo 11, “A busca por homens que amam”, a estudiosa aborda a contradição das mulheres heterossexuais que, ao mesmo tempo que falam mal dos homens, querem ficar com eles. Muitas mulheres podem ser tão patriarcais quanto os homens e não querem estes sigam os pressupostos feministas de igualdade de gênero. Para elas, os homens de verdade são os provedores e vistos como “patriarcais benevolentes” (Hooks, 2024a, p. 200).

De acordo com a autora, o pensamento patriarcal nega aos homens acesso ao crescimento emocional, e a maioria deles continua a acreditar

que é natural se comportar como se as emoções não importassem. Entretanto, para Hooks, eles não são felizes sendo patriarcais, mas precisam preservar a situação para não pôr em risco a masculinidade.

No capítulo 12, “Encontrar um homem para amar”, a autora aponta que o feminismo convoca os homens a reivindicarem sua humanidade integral e entrarem em contato com suas emoções e sentimentos, permitindo amar e serem amados, e reflete sobre o patriarcado das novas gerações de homens e mulheres, e o que os homens convertidos com o movimento feminista vão pensar sobre a masculinidade patriarcal.

Nos anos de 1980, havia o novo homem se formando e novas mulheres que firmaram o compromisso, ainda que confuso, de transformar o patriarcado, pois o feminismo parecia ser uma coisa só para mulheres, no entanto com mais homens envolvidos a transformação cultural movida pelo feminismo atingiria mais consciências e consequentemente atitudes menos patriarcais e sexistas (Hooks, 2020b).

No Capítulo 13, “Só para mulheres: amor lésbico”, para a autora, fazia todo o sentido mulheres amarem mulheres, pois, à medida que o pensamento sexista e heteronormativo era rompido, aumentava a probabilidade de mais mulheres verem outras mulheres como parceiras potenciais. Entretanto, Hooks não romantiza a relação lésbica, já que pode haver dominação na relação lésbica também, porque a lesbianidade e o feminismo não necessariamente ocorrem simultaneamente. Lésbicas conscientes e feministas sabiam que homens sexistas não tratariam bem as mulheres, mas evitar homens não elimina a opressão internalizada, nem a obediência inconsciente a valores opressivos.

No Capítulo 14, “Amor duradouro :amizades românticas”, Hooks diz que a maior tragédia na cultura patriarcal é o número de casais heterossexuais que ficam juntos sem se amarem, preservando os valores desta cultura. A autora observa, entre as mulheres de meia-idade, muitas preferem a prática do amor-próprio e a solidão, pois estarem com alguém só por estar não vale a pena. Entretanto, para a cultura heteropatriarcal, o único relacionamento válido é entre homens e mulheres que se casam, uma vez que, nesta cultura, não se considera amizades românticas, que são uma ameaça à cultura patriarcal porque contestam a suposição de que ter uma relação sexual com alguém é essencial para firmar laços íntimos significativos e duradouros. Para Hooks, a

cultura e a dominação patriarcal agem sobre a psique dos homens, incentivando-os a não desenvolver o trabalho emocional, preferindo manter o *status quo*, pois muitos não têm coragem de sentir a dor do amadurecimento para se tornarem amorosos.

No Capítulo 15, “Testemunhos de amor: entre gerações”, Hooks fala acerca da dificuldade das mulheres virarem adultas, pois, nesse contexto, não são desejadas. A questão é que os homens precisam, muitas vezes, de mulheres jovens e infantis para se sentirem poderosos e no controle. Apesar das conquistas feministas, a autora observa que as mulheres ainda jovens, de 20 e 30 anos, não têm uma boa autoestima e amor-próprio. Além de muitas delas serem viciadas em antidepressivos, pois nenhuma delas vai conseguir estar à altura do padrão ideal que a cultura de massa estabelece.

É mais fácil para as mulheres culparem o patriarcado e não assumir a culpa, esquecendo a autossabotagem e a falta de cuidado consigo mesmas. Hooks afirma que as mudanças feministas são evidentes, mas muitos/as não querem fazer o trabalho do amor, porque é fácil se contentar com as velhas normas das hierarquias, dominação e submissão. Partindo desta perspectiva, a autora aponta que amar exige tempo, sendo preciso reestruturar o uso deste quando se almeja ser amoroso/a.

No capítulo final, “Êxtase: comunhão amorosa”, a partir de suas experiências e de outras mulheres, Hooks constatou o desejo de amar, mesmo partindo de mulheres que tinham sofrido por amor. De acordo com a autora, as experiências vivenciadas pelas mulheres nas relações malsucedidas podem contribuir para diferenciar o amor verdadeiro da fantasia de ser salva. Para ela, o mundo vai mudar quando o amor for aprendido mais cedo, sem precisar chegar a ele por meio do sofrimento.

Além disso, comenta sobre as mulheres de meia-idade e a dominação exercida por homens em seus corpos a fim de desmerecer o despertar erótico delas nesta fase da vida. Na sua visão, o autoconhecimento proporciona o despertar para os princípios do amor, como cuidado, conhecimento, respeito e responsabilidade consigo mesmas. Nesse sentido, é preciso coragem para que as mulheres se oponham à dominação patriarcal, rompendo a ideia do amor enquanto sinônimo de conflito erótico entre as pessoas em relações desiguais. Partindo desta perspectiva, a estudiosa propõe a comunhão como uma conexão amorosa através da qual o amor vai e volta, a pessoa nunca é tudo, e o amor que é tudo.

A presente obra, focada em trabalhar a autorreflexão de todas as mulheres, oferece aos leitores/as a reflexão crítica sobre como o amor foi deturpado pela cultura patriarcal capitalista, preservando a dominação masculina e a sobrecarga das mulheres no trabalho de cuidado e afetivo. A cultura insistiu na divisão do trabalho sexual e não dividiu o trabalho emocional entre homens e mulheres, fazendo estas ficarem responsáveis em oferecer amor (Federici, 2019). Além disso, desresponsabilizou os homens de fazer o trabalho amoroso, fazendo o “patriarcal benevolente” (Hooks, 2024a, p. 200) um modelo menos terrível de patriarca dominador, deixando-os receosos de assumirem posturas feministas para combater o patriarcado com as mulheres. Em seus escritos, Hooks faz um convite para as mulheres valorizarem conexões amorosas e despertarem para o amor-próprio, levando essa energia para todas as relações com o mundo e as pessoas.

É possível constatar na presente obra que a estrutura patriarcal tem uma parcela de culpa, mas nossas práticas precisam ser renovadas pelo feminismo. Não há culpados por não aprenderem a amar em uma cultura em que a competição entre as mulheres é acirrada e as mulheres mais velhas têm seus corpos desvalorizados.

A obra traz Hooks sem ressalva, sem preconceitos, na sua intimidade, nos seus processos dolorosos, como a depressão que sofreu em uma fase de sua vida. A autora não foca nas faltas das mulheres brancas e burguesas com as pessoas negras, especialmente mulheres negras, mas na comunhão entre mulheres, com abertura para homens

renovados pelo pensamento feminista. Contudo, por ser uma mulher autodeclarada heterossexual, suas reflexões podem identificar mais mulheres e homens que estejam dentro desse padrão, o que não exclui sua abertura para falar de mulheres lésbicas, celibatárias, homens gays e amigos eróticos, propondo, dessa maneira, pensar no ser mulher e em todas as provações que ela vivencia dentro de uma cultura heteropatriarcal, capitalista e sexista.

O amor deve agora ser uma mola propulsora para viver e articular coletividades, pois amar é poder, é libertação, é emancipação, como demonstrou Freire (2022). Não basta ter consciência, é necessário ter atitudes para que ele exista. Portanto, a comunhão é um convite para o esperar, renovando o movimento feminista sempre.

Referências bibliográficas

- Federici, S. (2019). *O ponto Zero da revolução*. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Elefante.
- Freire, P. (2022). *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 31ª ed. Paz e Terra.
- Hooks, B. (2020a). *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Elefante.
- Hooks, B. (2020b). *O feminismo é para todo mundo*. Rosa dos tempos.
- Hooks, B. (2024a). *Comunhão: a busca das mulheres pelo amor*. Elefante.
- Hooks, B. (2024b). *Salvação: pessoas negras e o amor*. Elefante.

Citado. Bitencourt, Silvana (2025) “Bell Hooks e suas contribuições sobre a importância do amor para a libertação de homens e mulheres em uma cultura patriarcal” en Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES, N°49. Año 17. Diciembre 2025-Marzo 2026. Córdoba. ISSN 18528759. pp. 105-108. Disponible en: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/issue/view/794>

Plazos. Recibido: 23/07/2025. Aceptado: 15/10/2025.